

## Ásias a rir : o Oriente desenhado pelo humor entre os séculos XIX e XX

Sandra Leandro

(Universidade de Évora / Instituto de História da Arte da Universidade NOVA de Lisboa)

Trajes, chás, leques, lanternas, porcelanas, sedas, molduras de bambu, peixes chineses que falam, bizantinices... A partir de uma selecção de desenho humorístico, que neste ensaio se sintetiza, contemplam-se as duas séries d'*O Antonio Maria* (1879-1885 e 1891-1898), dos *Pontos nos ii* (1885-1891), d'*A Parodia* (1900-1902) e da *Parodia : Comedia Portuguesa* (1903-1906). Procurei identificar determinadas personagens, observar que Orientes foram representados e ordená-los numa geografia nem sempre possível, pois o exotismo muitas vezes se adensou numa amálgama de latitudes e estéticas. Uma brevíssima nota sobre algumas fantasias orientais na cerâmica, conclui este artigo. O olhar ocidental e os traços destas ficções pertencem a Rafael Bordalo Pinheiro (Lisboa, 1846- Lisboa, 1905)<sup>1</sup> e Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (Lisboa, 1867- Caldas da Rainha, 1920)<sup>2</sup> que garantem as Ásias a rir.

### China

---

<sup>1</sup> Ver, entre outros, Julieta Ferrão, *Rafael Bordalo Pinheiro e a crítica*, Coimbra, s.n., 1924 ; José-Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro : o português tal e qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1982 ; Irisalva Moita, *Fontes Pereira de Melo as caricaturas de Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, 1988 ; Ana Cristina Leite (dir.), *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005 ; João Paulo Cotrim, *Rafael Bordalo Pinheiro : fotobiografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005 ; Maria Virgílio Lopes, *Rafael Bordalo Pinheiro imagens e memórias de teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013 ; Pedro Bebiano Braga, Rita Nobre de Carvalho, *Paródia culinária à mesa de Bordalo : livrinho de receitas, petiscos e pitéus*, Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro, EGEAC, 2016.

<sup>2</sup> Ver Cristina Ramos Horta (coord.), *Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920): obra cerâmica e gráfica*, Caldas da Rainha, IPM/ Museu de Cerâmica, 2004.



Fig. 1. Rafael Bordalo Pinheiro – « Phantasia chinesa » n’*O Antonio Maria* de 15 de Julho de 1880.

« Os reis já se vão dedicando á cultura das plantas. Começam a dar chá a (sic) gente. O rei artista faz o seu primeiro ensaio offerecendo uma chavena d’elle aos jornaes da situação. Descobre-se que lhes produz o effeito d’um veneno! Esperneiam como se tomassem um philtro diabólico !... »<sup>3</sup> – esta é a legenda principal da soberba caricatura intitulada « Phantasia chinesa » que se pode observar supra. A representação das posições, a escala das figuras, os detalhes de ornamentação caracterizadores e decisivos, fazem deste desenho de Rafael Bordalo Pinheiro um trabalho de referência neste domínio de pesquisa, republicado, de resto, por diversos investigadores. Nele, D. Fernando II, *Rei artista-Artista Rei*, trajando à Mandarin, serve chá a Eduardo Coelho (1835-1889) então Director do *Diário de Notícias* e a Mariano de Carvalho (1836-1905), Director do *Diário Popular*, órgão do Partido Progressista. Donos do poder oculto de parte importante da imprensa de então, o chá tão primorosamente servido por D. Fernando não lhes assentou bem e certamente não terá sido muito digestiva a voz de fala que o monarca profere : « Isto de chá quando se não toma desde pequeno... ». Convém igualmente entender em que ponto de vista se situava Bordalo quanto aos jornalistas e se bem que em tempos diversos da data desta caricatura, sublinhe-se a perspetiva já observada por José-Augusto França :

A ideia de Bordalo sobre jornais e jornalistas do mercado lisboeta não terá melhorado muito desde que, de indignação, fechou a primeira série d’ « O António Maria », em 85. Pelo Carnaval de 903 divertira-se ele a imitar-lhes caricaturalmente as primeiras páginas, com seus sentidos e interesses, pondo a

<sup>3</sup> *O Antonio Maria* 59, 1880, p. 236.

máscara de cada director por baixo. [...] Ele era um jornalista livre e com ele trabalhavam colaboradores livres também, de peias partidárias ou interesses acesos. Nomes famosos da crónica, como João Chagas – João Rimanso, ou Marcelino Mesquita [...], um Thyrso, de quem se procura a identificação, poetas de gazetilhas, como Rivol, ou Tito Litho, do Porto, identificáveis ou não (o poeta portuense é Guedes Oliveira), um que não assina e é o velho José Inácio de Araújo, sem contar os numerosos pseudónimos ocasionais, animam o jornal – mas é João Chagas, como foram Guilherme de Azevedo e Ramalho e Fialho e Eugénio de Castro, em jornais anteriores, o cronista certo d' « A Paródia », onde entrou efectivamente em Agosto de 1902<sup>4</sup>.

Voltando à caricatura e não perdendo de vista a articulação entre texto e imagem, como umas vezes, bordalianamente, se dá sopa e noutras se oferece um chá, surge uma legenda: « Mas, afinal, pergunta um peixe chinês ; – quem será o Camara ? ». Fiquemos com a interrogação em suspenso e passemos a observar dois leques de alusões políticas em que se mesclam China e Japão, pois se a estética gráfica é japonista, a legenda e o texto são *chineses*...

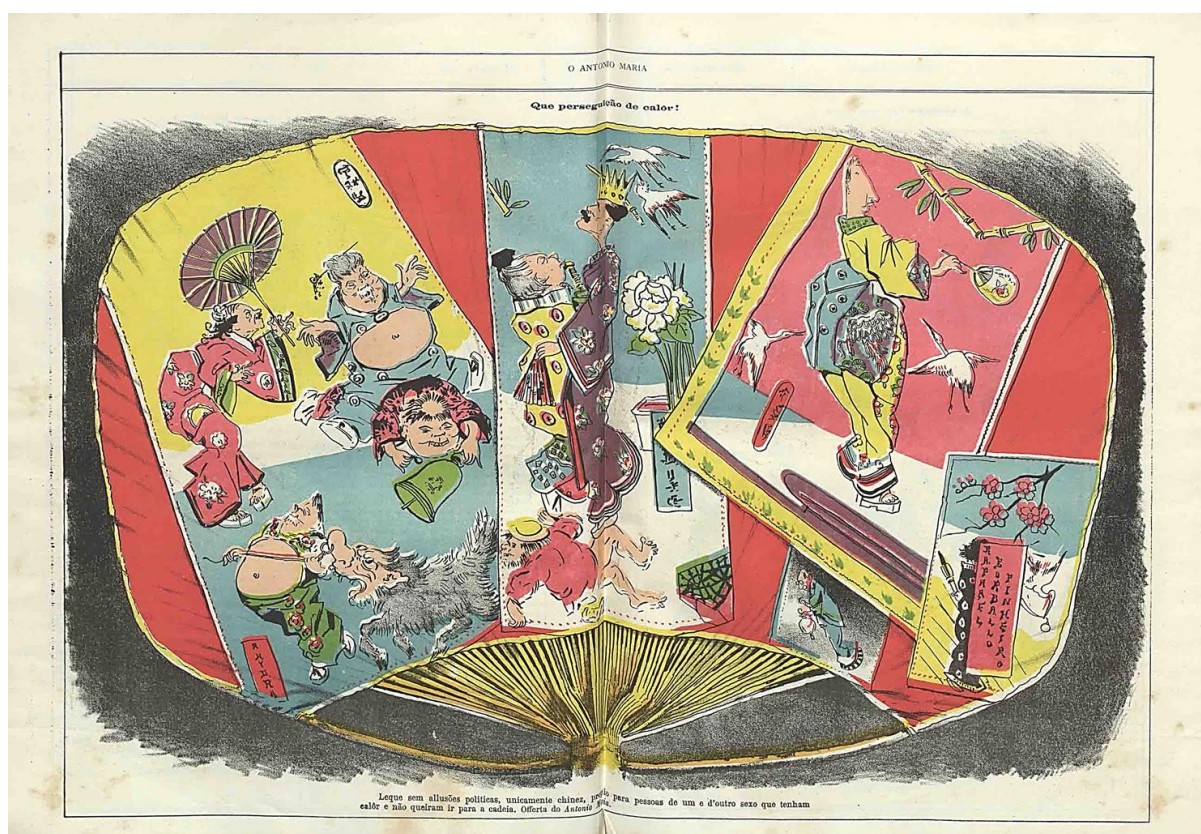


Fig. 2. Rafael Bordalo Pinheiro – Leque « Que perseguição de calor ! » n' *O Antonio Maria* de 14 de Julho de 1881.

Em « Que perseguição de calor ! », título da página dupla do magnífico primeiro e largo leque japonês<sup>5</sup>, o Caricaturista alude à « era das perseguições políticas ». O que estava em causa era a prisão do poeta Gomes Leal cujos panfletos poéticos *A Traição* e *O Herege* questionavam o Rei, a Igreja e outras instituições e o 39º Governo da

<sup>4</sup> José-Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro : o português tal e qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1982, p. 484-485.

<sup>5</sup> *O Antonio Maria* 111, p. 220-221.

Monarquia Constitucional (1881-1883) em que pontificou Fontes Pereira de Melo (1819-1887), líder supremo do Partido Regenerador, que dirigia por caminhos de ferro o « sonho edificante » do Progresso em Portugal. Na área central do desenho, Fontes carrega o Rei D. Luís, equilibrando-se ambos num Zé Povinho que já nem calças tem. Do lado direito, o Infante D. Augusto assegura o lado decorativo. A legenda completava : « Leque sem allusões políticas, unicamente chinez, proprio para pessoas d'um e d'outro sexo que tenham calôr e não queiram ir para a cadeia. Offerta do Antonio Maria »<sup>6</sup>. Do lado esquerdo, em baixo, Rodrigues Sampaio (1806-1882), Ministro do Reino, acumulava : era também presidente e Ministro do Conselho. Essas funções faziam-no atrelar pelo nariz a « Hidra da Anarquia » que, apresentando mais que uma antropomorfia (Manuel de Arriaga ?), representava as sensibilidades políticas emergentes, entre as quais a republicana, que conseguiria unir diversos descontentamentos e que esteve particularmente activa no ano de 1881. Note-se ainda a fantástica assinatura auto-caricatura, em cartela, que Rafael desenhou e coloriu.

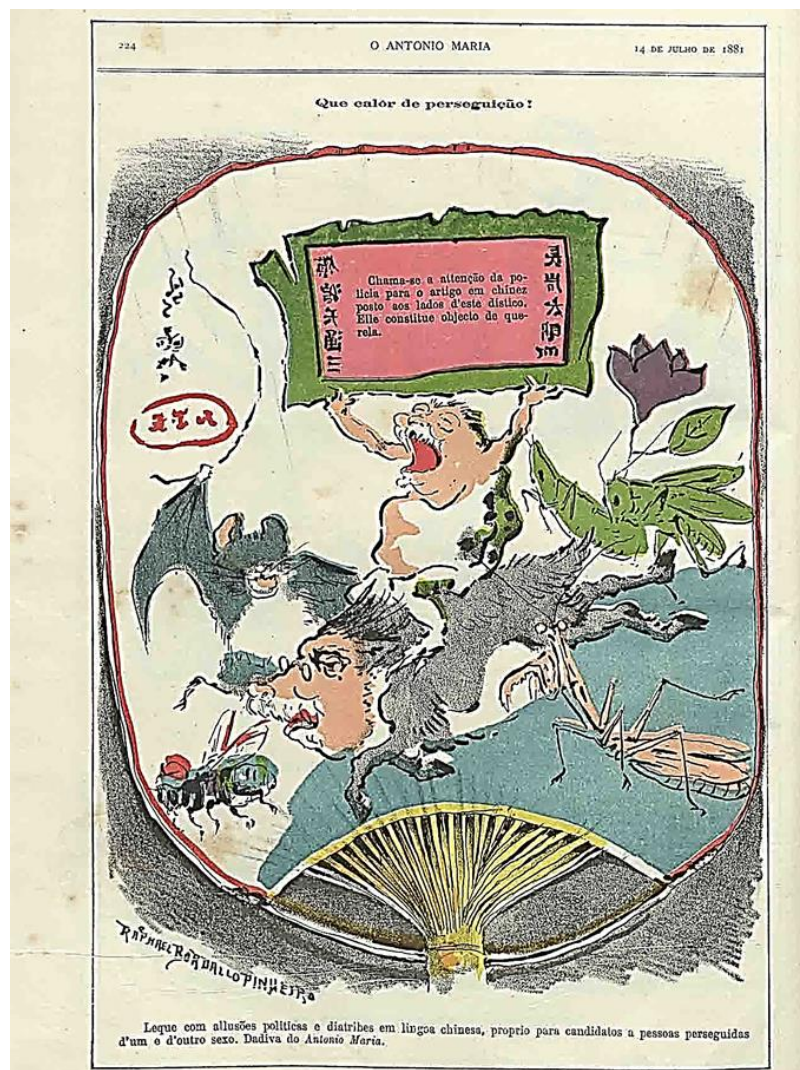


Fig. 3. Rafael Bordalo Pinheiro – O leque « Que calor de perseguição ! » n' *O Antonio Maria*, de 14 de Julho de 1881.

<sup>6</sup> *Ibid.*

No formato mais comum do segundo leque político intitulado « Que calor de perseguição ! », um sapo antropomorfizado em António Maria Arrobas (1824-1888), o conhecido Conselheiro Arrobas, então Governador Civil de Lisboa, cavalga a Hidra com um dístico : « Chama-se a atenção da policia para o artigo em chinês posto aos lados d'este dístico. Elle constitue objecto de querela »<sup>7</sup>. Todos se podiam refrescar com o « Leque com allusões politicas e diatribes em lingua chinesa, próprio para candidatos a pessoas perseguidas d'um e d'outro sexo. Dativa do *Antonio Maria* ». Dois gafanhotos com flor sugestiva, um louva-a-deus atento e outra bicharada, davam as asas possíveis, numa ilusão exótica que a todos refrescava...

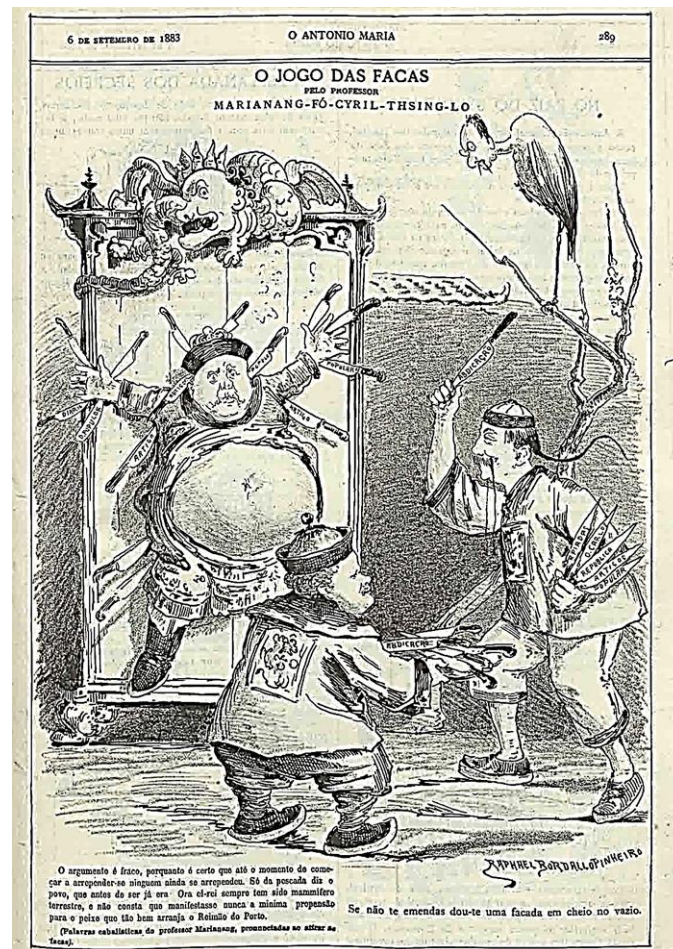


Fig. 4. Rafael Bordalo Pinheiro – « O jogo das facas » n' *O Antonio Maria*, de 6 de Setembro de 1883.

Já « O jogo das facas » era mais à queima roupa... Rafael desenhou Mariano de Carvalho como um faquir que prende à tábua o Rei D. Luís, ficando a descoberto a sua ampla e desnuda pança, num quadro em que Fontes Pereira de Melo surge como remate ornamental. As facas que prendem e recortam o Rei são concretas, por isso, as palavras « Artigo » e « Popular » se repetem, correspondendo às farpas que o jornal de Mariano de Carvalho cravava. Note-se que abriam e fechavam este número de circo. No entanto, o faquir preparava-se para lançar outras : « Abdicação » ; « Piadas » ; « D. Carlos » ;

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 224.

« Republica ». E prometia : « Se não te emendas dou-te uma facada em cheio no vazio »<sup>8</sup>...

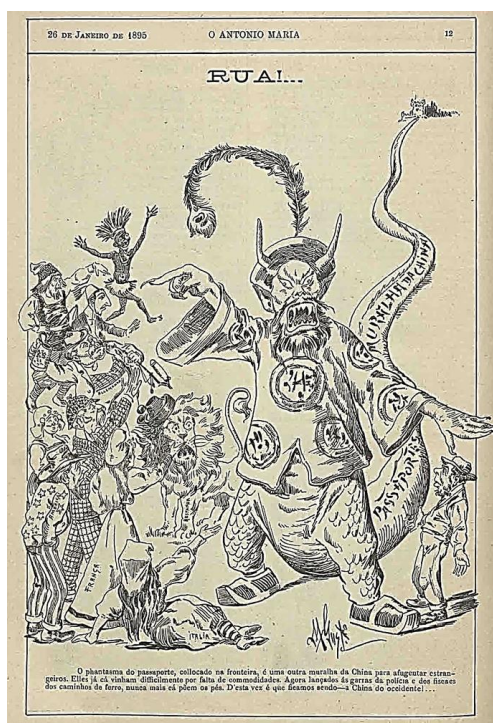


Fig. 5. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Rua !... » n' *O Antonio Maria*, de 26 de Janeiro de 1895.

« Rua !... », desenho de Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, expressa com inteligência a « questão dos passaportes » que ocorreu em 1895. Portugal era anunciado como a China do Ocidente, tão interdito como a Cidade Proibida :

O phantasma do passaporte, colocado na fronteira, é uma outra muralha da China para afugentar estrangeiros. Elles já cá vinham difficilmente por falta de commodidades. Agora lançados ás garras da policia e dos fiscaes dos caminhos de ferro, nunca mais cá põem os pés. D'esta vez é que ficamos sendo – a China do occidente !...<sup>9</sup>

O medonho dragão/fantasma do passaporte de gesto imperativo com manápula-garra que extravasava a esquadria, ostenta uma longa cauda/muralha da China definindo fronteira até à Torre de Belém... A noção de isolamento e periferia expressa-se na representação de um magro Zé Povinho de um lado e várias personificações alegóricas de diferentes geografias do outro.

<sup>8</sup> *O Antonio Maria* 223, p. 289.

<sup>9</sup> *O Antonio Maria* 416, p. 4.

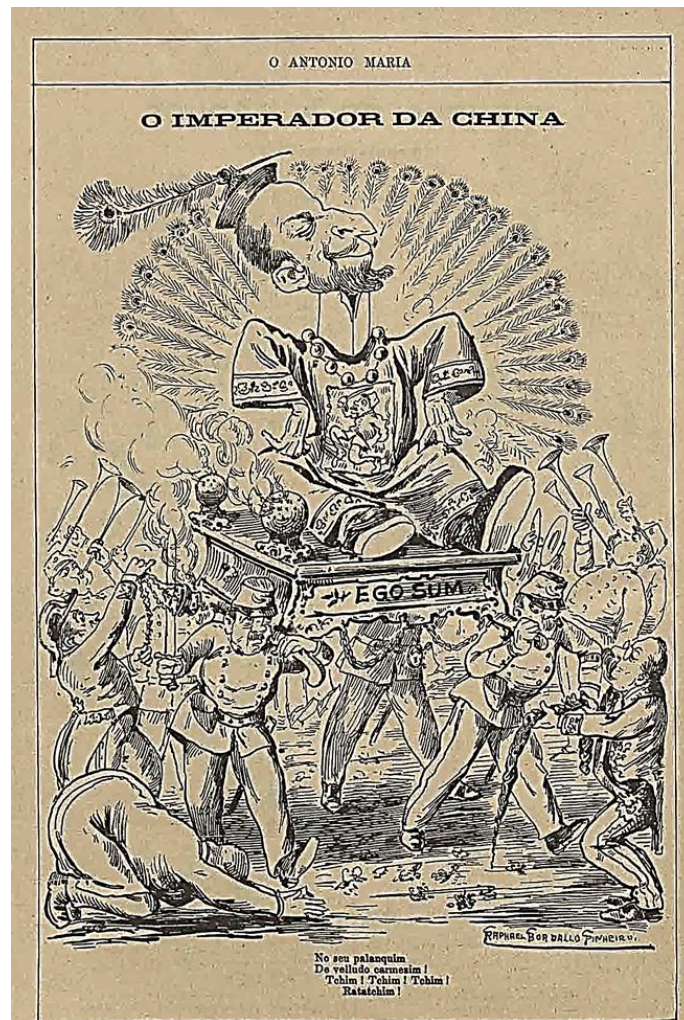


Fig. 6. Rafael Bordalo Pinheiro – « O Imperador da China » n' *O Antonio Maria*, de 10 de Março de 1898.

José Paccini, ególatra empresário do Real Teatro de S. Carlos, foi representado por Rafael como um Imperador da China: « No seu palanquin / De veludo carmesim! / Tchim! Tchim! Tchim! / Ratachim! »<sup>10</sup>. Capitaneando o S. Carlos, sofreu e fez sofrer com os seus compulsivos ataques de « capturite aguda ». Bordalo estampou no seu peito uma representação dos verdugos do truculento Juiz Veiga, magistrado que nunca se cansou de zurzir.

<sup>10</sup> *O Antonio Maria* 468, p. 74.



Fig.7. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Conflicto em volta de uma chicara » n’A *Parodia*, de 20 de Junho de 1900.

Em 1900, tropas ocidentais ocuparam Pequim durante a Rebelião dos Boxers. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro evocou o sucedido n’A *Parodia* através do desenho «Conflicto em volta de uma chicara». A taça e o pires ganham uma escala desmesurada e todos se debruçam para lhe ver o fundo em divertido desenho : « Toda a Europa quer tomar chá... »<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> A *Parodia* 23, p. 181.





Fig. 8. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « A educação chinesa » n' *A Parodia*, de 25 de Julho de 1900.

N' « A Educação Chinesa », Manuel Gustavo manifestou pelo traço e pela mancha (de sangue) a estranheza e perplexidade pelas diferenças de diplomacia e humanidade entre o Mundo Ocidental aqui representado alegoricamente pela Europa e a China. A Europa personificada por uma elegante, dirige a um samurai actualizado, um comentário pouco abonatório contra a China, de figura e semblante carregado : « Esta tua velha vizinha sempre tem uma maneira de receber as visitas, que parece não ter tomado chá em creança ! »<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> *A Parodia* 28, p. 217.



Fig. 9. [Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro] – « Pagode chinéz » n’A *Parodia*, de 16 de Outubro de 1901.

Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro concebeu em o « Pagode Chinéz » um fundo e uma página de grande qualidade gráfica. Na cena, vê-se Antônio de Azevedo Castelo Branco (1842-1916), ou brincando com os sons « Cas.Tel.- Ló Bran-có », o Ministro dos Negócios Estrangeiros enviado por Ernesto Hintze Ribeiro (1849-1907), o « Mandarão». A este último se alude com a quadra : « O Santo Ernesto faz meia / Com linhas de seda fina / Ao contrario das laranjas / as meias vão para a China »<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> A *Parodia* 92, p. 337.



Fig. 10. Rafael Bordalo Pinheiro – A « China para todos », n' *A Parodia*, de 23 de Outubro de 1901.

Em « China para todos »<sup>14</sup>, divertidíssima História aos Quadrinhos em que apenas faltam os balões de fala, Rafael desenhou uma « chinasinha a contento geral » com mandarins de primeira e segunda classe ; um pagode de primeira : o parlamento ; um pagode de segunda : a arcada dos Ministérios ; e em cada um deles bazares. Os « negócios da China » prosperaram nesse ano e vários portugueses se deslocaram a essas latitudes. No Ministério dos Negócios Estrangeiros, era servido chá e estava « Tudo enrabichado », convindo notar que na margem e de costas para o observador, um polícia inglês observava. Em tudo contrário a este bazar diplomático, apresentava-se o bazar Veiga próprio « Para chegar a roupa ao corpo a quem não estiver d'accordo », conhecido método desse Juiz. Um desconsolado Zé Povinho surge-nos à chinesa « Para o Zé... dois pausinhos... laranja da China, tabaco em pó e grellos mexidos... para elle só !... ».

<sup>14</sup> *A Parodia* 93, p. 340-341.



Fig. 11. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Diplomacia Chinez » n' *A Parodia*, de 23 de Outubro de 1901.

Manuel Gustavo desenhou a « Diplomacia Chinez »<sup>15</sup> dando a entender, através do Novo Testamento, que não era fácil passar de Macau a Pequim. Interpretou literalmente os versículos : « Como é difícil para os que têm riquezas entrar no Reino de Deus ! Sim, é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino de Deus ! » (Lucas 18: 24-25). Note-se que, n' *A Parodia*, S. Lucas passou por S. Marcos... A cultura bíblica não era certamente o forte deste jornal humorístico e, de resto, camelo significava nas Sagradas Escrituras um tipo de cordame e não o animal, perdendo-se assim o sentido. Porém, havia quem passasse pelo fundo de uma agulha, graças aos bons préstimos de « Castel-Ló Bran-Có ». Tratados seriam, assim, assinados perante as potências risonhas, boquiabertas e alegóricas...

## Índia

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 344.



Fig. 12. Rafael Bordalo Pinheiro – « Theatro de S. Carlos » n’*O Antonio Maria*, de 3 de Abril de 1884.

Filtrado pela fantasia da Ópera, o oriente indiano saiu das mãos de Rafael Bordalo Pinheiro ao fazer menção à primeira récita do *Rei de Lahore*, ópera de Jules Massenet que obteve grande sucesso por toda a Europa e que fez temporada no São Carlos. Comentando « A semana », Pan, ou seja, Alfredo Morais Pinto, fez-lhe menção : « *O Cardeal de Richelieu*, *Rei de Lahore* e *Folie Bergeres* ! Mas não abarquemos o ceu com as pernas e procedamos por ordem »<sup>16</sup>. O que abordou extensamente foi *O Cardeal de Richelieu* ; quanto ao *Rei de Lahore* foi o traço de Rafael Bordalo Pinheiro que deu notícia. Atentemos em algumas legendas : « Foi ao paraizo e voltou sempre de saltos altos e sem ganhar ! » ; « Conselheiros do tribunal de contas como ornatos » ; « Tanto cabelo ! Que fizeste ? » ; « Tanta perna ! Que fizeste ? » ... Ao centro, « Um bravo » certamente para o conjunto desta « Lindíssima e riquíssima opera – Basta dizer que os coros são formados pelos principaes banqueiros – Gandarinhas e Burnays. Vozes de ouro ! » e Rafael despede-se com um « Muito boas noites »<sup>17</sup>. *Bravi !*

<sup>16</sup> *O Antonio Maria* 253, p. 110.

<sup>17</sup> *Ibid.*



Fig. 13. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « No Curso Superior de Letras » d’*O Antonio Maria*, de 26 de Julho de 1895.

Manuel Gustavo desenhou uma « página indiana »<sup>18</sup> dedicada ao Curso Superior de Letras. Os Professores Guilherme de Vasconcelos Abreu (1842-1917), Teófilo Braga (1843-1924) e José Maria Rodrigues (1857-1942) eram os protagonistas dos exotismos da vida académica : « Ralam os lentos... descobrem-se as mentiras. ». Teófilo Braga é a figura central protegendo-se do sol com a conhecida malva. Atente-se nas restantes coberturas de cabeça, no friso do estrado e nas sugestões de Ganesha.

## Pérsia

<sup>18</sup> *O Antonio Maria* 1895, p. 96-97.



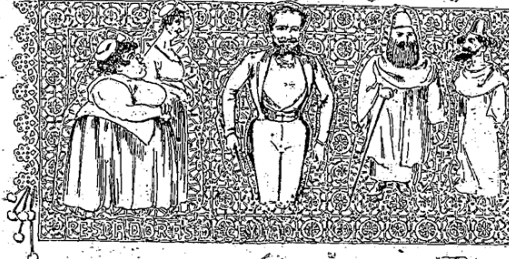
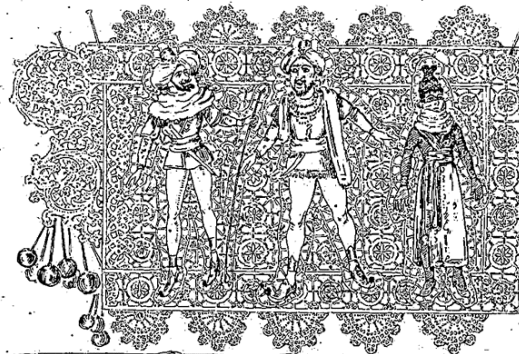
Fig. 14. Rafael Bordalo Pinheiro – « Theatro de S. Carlos » n' *Pontos nos ii*, de 28 de Janeiro de 1886.

Tal como no oriente indiano, a Pérsia surge pelo olhar da Ópera, desta feita através de *Semiramis*, de Gioachino Rossini. Rendido ao dueto das cantoras líricas Schalchi-Loli e Erminia Borghi-Mamo, eram os seus narizes que orientavam a graça gráfica e literária :

[...] a propósito de nariz, attribuímos aquella unidade do duetto aos narizes das duas executantes. Schalchi tem nariz de menos ; Borghi tem nariz de mais. Por isso se unem tão bem ; se não fosse assim, talvez não unissem, porque lá diz o ditado que « duro com duro não faz bom muro... »<sup>19</sup>.

<sup>19</sup> *Pontos nos ii* 39, p. 312.

THEATRO DE S. CARLOS



O *Pescador de Pérolas* é um trabalho delicado, ligeiro, tenuesimo, como as rendas de Alençon, mas que, na sua qualidade de renda, nos conserva frios, não nos provocando o calor do entusiasmo. Execução magnífica, dirigida por Mancinelli; a vista do Manini boa, como sempre. O *baixo*, quando é queimado na fogueira, não faz senão apertar a barriga: é um baixo com insiposição (sic) no baixo ventre. Se o Martyr S. Lourenço, sofreu só aquillo, não temos pena d'elle, visto que o fogo nem lhe chegaria a queimar as pestanas. O primeiro bailarino fez-nos lembrar nos saltos o *moléquinho da Bahia*. Afinal os applausos foram todos para o Moraes, o único que não dança – mas enthusiasma. A menina Bendazi Sechi tem demasia de mãos e de *pharmacea*. A pessoa a quem ella der a mão de esposa fica governadinha de membros apprehensores para o resto da sua vida<sup>21</sup>.



Fig.15. Rafael Bordalo Pinheiro – « Theatro de S. Carlos » nos *Pontos nos ii*, de 16 de Dezembro de 1886.

O *Pescador de Pérolas*, ópera de Bizet, permitiu a Rafael Bordalo Pinheiro apresentar a crítica como « uma renda » que não aquece<sup>20</sup>. Trabalho delicado, que o nosso Caricaturista transforma em rendilhado que as letras esmiúçam :

[...] é um trabalho delicado, ligeiro, tenuissimo, como as rendas de Alençon, mas que, na sua qualidade de renda, nos conserva frios, não nos provocando o calor do entusiasmo. Execução magnífica, dirigida por Mancinelli ; a vista do Manini boa, como sempre. O *baixo*, quando é queimado na fogueira, não faz senão apertar a barriga : é um baixo com insiposição (sic) no baixo ventre. Se o Martyr S. Lourenço, sofreu só aquillo, não temos pena d'elle, visto que o fogo nem lhe chegaria a queimar as pestanas. O primeiro bailarino fez-nos lembrar nos saltos o *moléquinho da Bahia*. Afinal os applausos foram todos para o Moraes, o único que não dança – mas enthusiasma. A menina Bendazi Sechi tem demasia de mãos e de *pharmacea*. A pessoa a quem ella der a mão de esposa fica governadinha de membros apprehensores para o resto da sua vida<sup>21</sup>.

## Egipto

<sup>20</sup> *Pontos nos ii* 84, p. 665.

<sup>21</sup> *Ibid.*



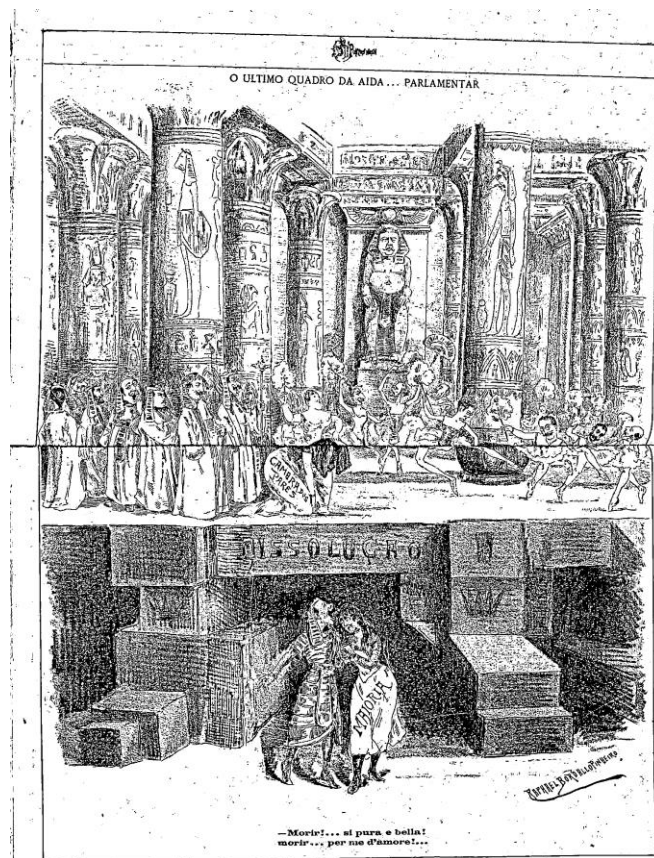


Fig. 16. Rafael Bordalo Pinheiro – « O ultimo quadro da Aida... Parlamentar » nos *Pontos nos ii*, de 13 de Janeiro de 1887.

N'«O ultimo quadro da Aida... Parlamentar», Fontes Pereira de Melo foi representado como Faraó (mal) sepultado pela « pirâmide » da « Dissolução », cantando de mãos dadas com a alegoria da « Maioria » : « – Morir !... si pura e bella ! morir... per me d'amore !... »<sup>22</sup>. De facto, morreria dali a não muitos dias... No mundo dos vivos, a « Camara dos Pares » ajoelha de cabeça coberta com véu negro ; o antigo poder apresenta-se paramentado à Egípcia enquanto o futuro revela os protagonistas transvestidos como bailarinas com os seus garbosos tutus e ventarolas. D. Luís preside como estátua de Faraó e o infante D. Augusto encontra-se inciso numa coluna. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro também tirou partido da *Aida* de Verdi no desenho que fixou « A abertura de S. Carlos »<sup>23</sup> nos *Pontos nos ii*, de 2 de Novembro de 1888. De novo permitiu que as vozes e os narizes das cantoras líricas brilhassem « um para baixo outro para cima ».

<sup>22</sup> *Pontos nos ii* 88, p. 12-13.

<sup>23</sup> *Pontos nos ii* 181, p. 760.

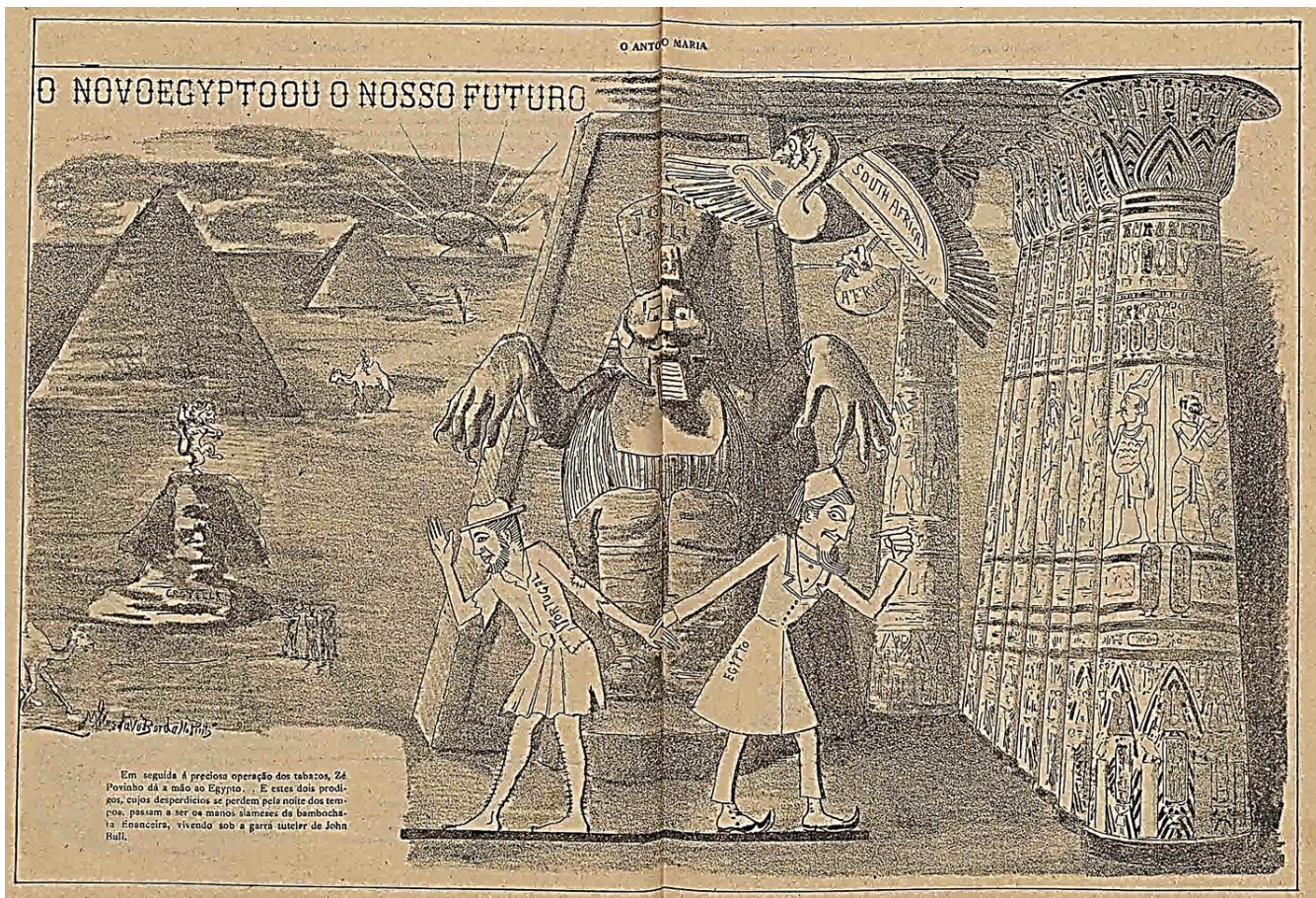


Fig. 17. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « O novo Egypto ou o nosso futuro » n' *O Antonio Maria*, de 30 de Abril de 1891.

« Em seguida á preciosa operação dos tabacos, Zé Povinho dá a mão ao Egypto. E estes dois pródigos, cujos desperdícios se perdem pela noite dos tempos, passam a ser os manos siameses da bambochata financeira, vivendo sobre a garra tutelar de John Bull »<sup>24</sup>. A garra tutelar, a esfinge onde se equilibra o leão heráldico, Zé Povinho desenhado em cânone egípcio fazendo *pendant* com figura alegórica desse país, são detalhes com muita intenção espelhando « O novo Egypto ou o nosso futuro »<sup>25</sup>...

<sup>24</sup> *O Antonio Maria* 302, p. 68-69.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 68.



Fig. 18. Rafael Bordalo Pinheiro – « Pharaó » n’*O Antonio Maria*, de 17 de Setembro de 1894.

Rafael Bordalo Pinheiro representou Rodrigo Maria Berquó como faraó das Caldas da Rainha. Engenheiro/Arquitecto, administrador do Hospital Termal entre 1888 e 1896, presidente da Câmara Municipal, entre 1890 e 1891 e *sportsman*<sup>26</sup>, algo que certamente não ocorreria olhando apenas para a caricatura, era visado pelo lápis e letras d’*O Antonio Maria* : « o nosso Pharaó das Caldas pela sua obra gigante que na opinião de uns durará 30 annos, na de outros 30 seculos, começando em seguida novas obras »<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Jorge Mangorrinha, *Rodrigo Berquó Cantagalo (1839-1896): architecto das termas*, Caldas da Rainha, Centro Hospitalar das Caldas da Rainhas, 1996.

<sup>27</sup> *O Antonio Maria* 402, p. 74.



Fig. 19. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Uma scena d'A Ida... a Paris » n'A *Parodia*, de 11 de Julho de 1900.

José Luciano de Castro (1834-1914) líder do Partido Progressista, apeado do poder em Junho de 1900 e substituído por Hintze Ribeiro do Partido Regenerador, foi o protagonista de « Uma scena d'A Ida... a Paris ». Num ano de mais uma célebre Exposição Universal, Rafael fez neste desenho outra fantasia inspirada na ópera *Aida* em cenário parisiense onde não faltou a Torre Eiffel ao luar. No terceto do 3.º acto, fez-se o confronto entre o que canta a personagem da ópera e o que canta José Luciano de Castro : « Radhamés da Opera – Io son disonorato !!! Raddamés de Castro – Eu já estou curado !!! »<sup>28</sup>. Rafael selou a sua assinatura com um gato, o inseparável Pires em versão egípcia.

<sup>28</sup> *A Parodia* 26, p. 208.

## Japão



Fig. 20. « Jornadas pelo mundo » n' *O Antonio Maria*, de 23 de Dezembro de 1895.

Mais um momento que poderia induzir a uma Oriental confusão gráfica ocorreu através de desenho anónimo n' *O Antonio Maria* em 1895 (fig. 20)<sup>29</sup> aquando da publicação de *Jornadas pelo mundo* do Conde d'Arnosó. Olhando para a imagem que dá notícia da edição do livro, poderíamos pensar que se relaciona com o mundo japonês pois remete para o tipo de gravuras *Ukiyo-e*, *ukiyo-ye* ou *ukiyo-ê* que significam « retratos do mundo flutuante » produzidos por diversos pintores japoneses, entre os quais Hokusai (1760-1849), Hiroshige (1797-1858) e Utamaro (1753-1806), artistas cujas obras foram decisivas para a deriva estética japonista na Europa. No entanto, se atendermos ao subtítulo do livro – *em caminho de Pekin : em Pekin* – que não surge no breve texto que lhe dá notícia, a geografia altera-se.

<sup>29</sup> *O Antonio Maria* 431, p. 134.



Fig. 21. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Política internacional Anglo-Japonismo e vice-versa » n' *A Parodia*, de 26 de Fevereiro de 1902.

Conhecedor do vocabulário gráfico japonista de divulgação, Manuel Gustavo exprimiu-o uma vez mais em a « Política internacional Anglo-Japonismo e vice-versa » através de vários recursos como a moldura, as máscaras, a fantasia tipográfica. Este desenho revelou as manobras da Aliança Anglo-Japonesa que acabaram por ter expressão política oficial aquando da sua assinatura em Londres em 30 de Novembro de 1902, tendo por representantes Henry Petty-Fitzmaurice pelo Reino Unido e Hayashi Tadasu pelo Japão. Instituinto a coadjuvação militar entre os dois países, esta coligação atestava que um estado auxiliaria o outro, caso deflagrasse a guerra. Esta aliança foi actualizada em 1905, em 1911 e terminou, oficialmente, em 1923. A troca e hibridismo dos trajes entre o Japão e a Inglaterra descobre a política que o Russo, com a sua indumentária para frias intempéries, comenta : « Uniu-se o pratico ao decorativo temos obra... d'Arte, pelo menos »<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> *A Parodia* 111, p. 65.



Fig. 22. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « N'um kakémono a Sadda Yacco », n' *A Parodia*, de 21 de Maio de 1902.

« Madama, por quem é, dê-me o seu braço e ouça ; / Eu conheço o Japão apenas pela louça »<sup>31</sup> são os dois versos iniciais da versalhada de Thyrso<sup>32</sup> que se derramam pelas duas páginas intituladas « N'um kakémono a Sadda Yacco » (fig. 22). Neles, temia que todos comessem a gostar do amarelo em virtude dos sedutores predicados exótico-estéticos de Sadayakko Kawakami (1871-1946), comumente nomeada como Sada Yacco. Quem era Yacco ? Como refere Daniel Rosa, Sada Yacco casou com o empresário teatral japonês Kawakami Otojiro em 1894, tendo ele,

em 1896, construído em Tóquio o Kawakami-za, um moderno teatro onde a actriz deu os seus primeiros passos na profissão, que abraçara com ligeireza graças à sua educação como gueixa, numa altura em que no teatro kabuki não era

<sup>31</sup> *A Parodia* 123, p. 161.

<sup>32</sup> Além dos referidos versos de Thyrso a boa disposição fica também registada em « Sada Yacco e a crítica portuguesa » cuja leitura recomendo vivamente : *A Parodia* 124, p.71.

permitido às mulheres pisar o palco. Foi, sem dúvida, uma pioneira nesse sentido, e muitos dos seus esforços futuros, ao regressar ao Japão após duas digressões pelo Ocidente, foram no sentido de fomentar a emancipação das mulheres no teatro. Porém, o teatro faliu e Otojiro e a sua esposa decidiram escapar das enormes dívidas contraídas, emigrando quase sem um plano delineado. Compreenda-se que o Japão havia entrado na dinastia Meiji em 1868, um período de modernização e abertura ao mundo. Após reunir uma trupe de artistas de nove elementos, abandonaram o Japão numa autêntica odisséia. A sua primeira paragem foi nos EUA e deram-se a conhecer como a Companhia Japonesa do Teatro Imperial de Tóquio, tendo causado grande impacto pela intensidade e estranheza das suas actuações, como se lê nas críticas então<sup>33</sup>.

Continuem a seguir-se as palavras de Daniel Rosa :

[...] não enamorou somente Giacomo Puccini, que acudiu de propósito a Milão em 1902 para a ver actuar no drama japonês a gueixa e o cavaleiro e da sua delicada figura retirar a inspiração necessária para criar a personagem principal da sua afamada ópera *Madama Butterfly*. Em boa verdade, a companhia, com a qual calcorreou esse mundo fora, foi alvo de uma dualidade de sentimentos, que oscilavam entre o amor e o ódio por parte do público que acudia aos seus espectáculos e pela (polémica) estranheza que causava o exotismo do seu elenco e repertório. Mas a sua figura principal, Yakko, a « Bernhardt japonesa », a actriz que nasceu gueixa – qual diva italiana ! – não deixou ninguém indiferente, quer na sua digressão pelos EUA, quer na Europa, que percorreu de Lisboa a São Petersburgo<sup>34</sup>.

E mais :

Na sua chegada à Europa, via Londres, a grande montra para a posterior avalanche de notícias e histerismo que rapidamente se espalhou pelos quatro cantos do velho continente, foi a sua estreia na Exposição Universal de Paris, em 1900, juntamente com a afamada Loie Fuller que, enquanto fervorosa mulher de negócios, empresária e tradutora, desempenhou um importantíssimo papel no delinear da sua digressão europeia. A companhia e os seus artistas, rotulados no programa da Exposição de Paris como meros « elementos de curiosidade » (*Novidades*, 22.05.1902 : 1), alcançaria um tal êxito que a sua empresária não hesitaria em levá-los em digressão a outras paragens europeias, entre as quais, Portugal. Yakko estreia-se em Lisboa no Teatro D. Amélia a 19 de Maio de 1902, iniciativa do empresário Faustino da Rosa que negociou a sua vinda com a própria Fuller, tendo a companhia de Otojiro e Yakko, recém-chegada de Madrid, levado à cena o drama *Kosan* e *Kinkoro*, conhecido também como *A dama das camélias japonesa* (apesar de ter um enredo totalmente diferente do da obra de Dumas) e a cena do julgamento (*Sairoku*) extraída e adaptada da peça shakespeariana *O mercador de Veneza*, onde Otojiro desempenhava o papel de Shylock, um pescador da ilha de Hokkaido, no Japão (*O século*, 19.05.1902 : 2). Fuller, por seu lado, limitava-se a executar a sua famosa « dança serpentina » no intervalo das peças. A respeito desta primeira récita, a imprensa da época falava de uma enchente « sem igual » no Teatro D.

---

<sup>33</sup> Daniel Rosa, «A gueixa e o cavaleiro Sadayakko e Otojiro Kawakami: Os primeiros sinais de teatro japonês em Portugal», in *Sinais de cena* 17, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2012, p. 56.

<sup>34</sup> *Ibid.* p. 56.



Amélia, tal seria o estado de avidez do público em saciar a sua curiosidade. A dita sociedade elegante de Lisboa também acudiu significativamente<sup>35</sup>.

Os encantos daquela « flor de seda » não deixaram os lápis de Manuel Gustavo e de Rafael Bordalo Pinheiro indiferentes, como podemos ver nas figs. 22, 23 e mais adiante na fig. 28. Rafael, no divertidíssimo desenho de dupla página « A semana do Japão », traçou um repórter que entrevistou Yacco sobre a política portuguesa. E a resposta ? « Vae mesmo em japonez para não perder o sabor. Aqui está – nada mais claro. Entenderam ? Pois é assim mesmo »<sup>36</sup>. O desenho e as inscrições em português iluminavam o sentido. Loie Fuller, que também actuou em Lisboa, deixava igualmente as suas fortes e evanescentes impressões...

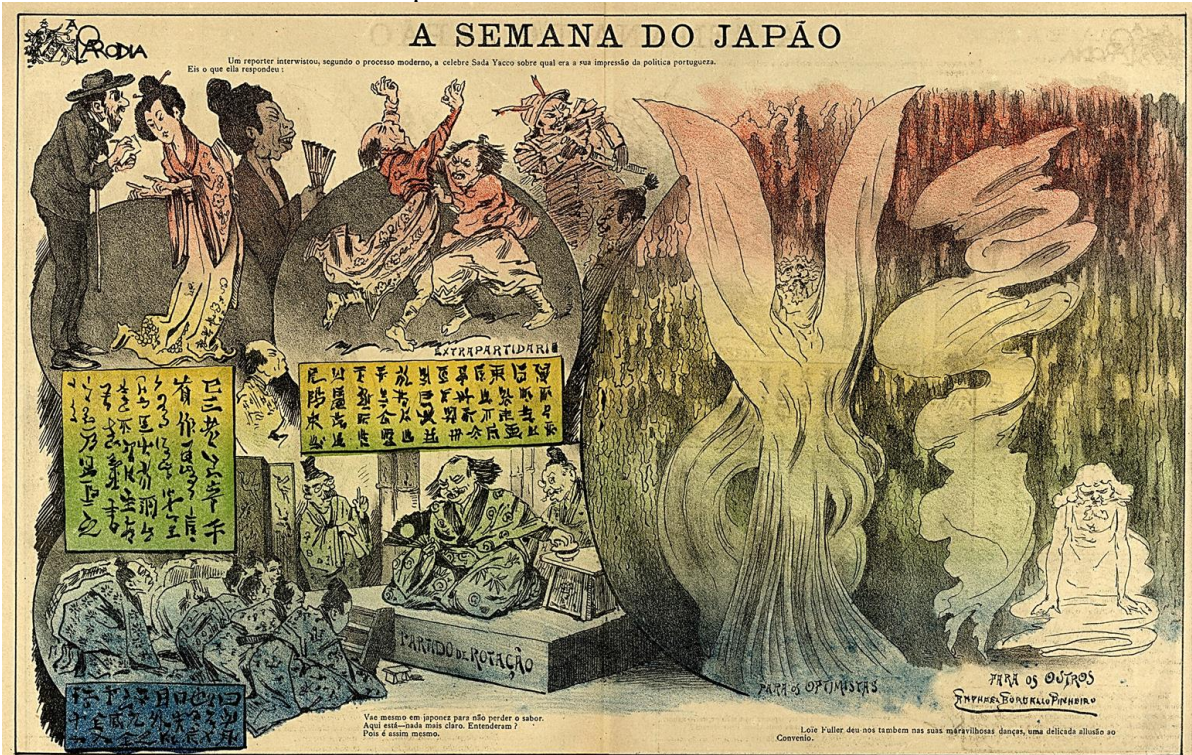


Fig. 23. Rafael Bordalo Pinheiro – « A semana do Japão » n' *A Parodia*, de 28 de Maio de 1902.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>36</sup> *A Parodia* 124, p. 172.



Fig. 24. « As primeiras representações » na *Parodia : Comedia Portuguesa*, de 18 de Fevereiro de 1904.

« As primeiras representações » da Guerra Russo-Japonesa surgem em desenho não assinado, mas possivelmente de Manuel Gustavo ou adoptado de um periódico internacional. Foram apresentadas como um drama em que uma caveira arranca um pano de boca, desvelando um gigantesco teatro de fantoches : « Meus Senhores ! Vae começar o espectáculo ! »<sup>37</sup>. A Guerra Russo-Japonesa foi um conflito armado entre o Império do Japão e o Império Russo, que competiram entre 1904 e 1905 pela posse dos territórios da Coreia e da Manchúria. A História também a registou como a « primeira maior guerra do século XX ». Em 1905, estalaram na Rússia um conjunto de revoltas internas, sendo a mais conhecida graças ao Cinema, a que ocorreu com o couraçado Potemkin. Lutas, greves e protestos de toda a ordem sucediam-se contra o regime do Czar Nicolau II. Entretanto, os socialistas procuravam organizar os trabalhadores para uma tomada de decisão política. País com tradições bélicas, o Japão impôs uma derrota humilhante à Rússia e posicionou-se simultaneamente como potência imperialista. Este fracasso da Rússia czarista muito contribuiu para a Revolução de 1917.

---

<sup>37</sup> *Parodia : Comedia Portuguesa* 58, p. 8.



Fig. 25. « O Japão » na *Parodia : Comedia Portuguesa*, de 25 de Fevereiro de 1904.

Na mesma sequência bélica, e também não assinado, foi dado à estampa « O Japão », um belo desenho da tradicional carpa, motivo ornamental de amplo uso, mas desta vez com dois canhões no focinho, sem dúvida « Um peixe raro »<sup>38</sup> ...

<sup>38</sup> *Parodia : Comedia Portuguesa* 59, p. 1.



Fig. 26. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « O dilemma da Civilisação » na *Parodia :Comedia Portuguesa*, de 3 de Março de 1904.

Manuel Gustavo, com o desenho « O dilemma da Civilisação : “Ser ou não ser civilizado...” »<sup>39</sup>, toca numa ferida profunda e de difícil cura. Mantém-se ou não se mantém a estética exótica ? « Por ainda não se ter civilizado », « Por se ter civilizado já »...

<sup>39</sup> *Parodia : Comedia Portuguesa* 60, p. 8.



Fig. 27. Rafael Bordalo Pinheiro – « Abril » na *Parodia : Comedia Portuguesa*, de 7 de Abril de 1904.

Partindo de um desenho oriental recorrente, Rafael desenhou « Abril », « A Primavera no Oriente »<sup>40</sup> mostrando um cruel exotismo, continuando tal como Manuel Gustavo no desenho anterior, a expressar uma violência extrema.

<sup>40</sup> *Parodia : Comedia Portuguesa* 65, p. 1.



Fig. 28. Rafael Bordalo Pinheiro – « A maior surpresa dos tempos modernos » na *Parodia : Comedia Portuguesa*, de 8 de Setembro de 1904.

Como contraponto, « A maior surpresa dos tempos modernos », também veio de lá... e Rafael desenha-se a si e ao seu filho rendidos, uma vez mais, à figura flutuante de Sada Yacco.

## Turquia



Fig. 29. Rafael Bordalo Pinheiro – « O sr. ministro da fazenda » n' *O Antonio Maria*, de 4 de Março de 1880.

Em « O sr. ministro da fazenda, o seu discurso e a mão que s. ex.<sup>a</sup> importou da Turquia »<sup>41</sup>, Rafael evocou Henrique de Barros Gomes (1843-1898), membro do Partido Progressista que sobraçou a referida pasta de Ministro da Fazenda em 1880. A sua grande mão versátil governava musculadamente à turca...

<sup>41</sup> *O Antonio Maria* 40, p. 83.



Fig. 30. Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro – « Turquia e Portugal » n' *A Parodia*, de 12 de Março de 1902.

Entre muitos outros desenhos, o excessivo entrosamento entre o mundo da política e o mundo financeiro ficou claro em « Turquia e Portugal ». Manuel Gustavo desenhou um balão de fala para o banqueiro Burnay « protector das finanças nacionais »<sup>42</sup> que mal cabe na cena. Cioso dos seus pertences, Burnay diz, apontando para o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Fernando Matoso dos Santos (1849-1921) : « Este é para mim... ». Por esta e por outras o ministro de cá via-se Grego...

## Bizâncio

<sup>42</sup> José-Augusto França, *Rafael Bordalo Pinheiro : o português tal e qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1982, p. 186.



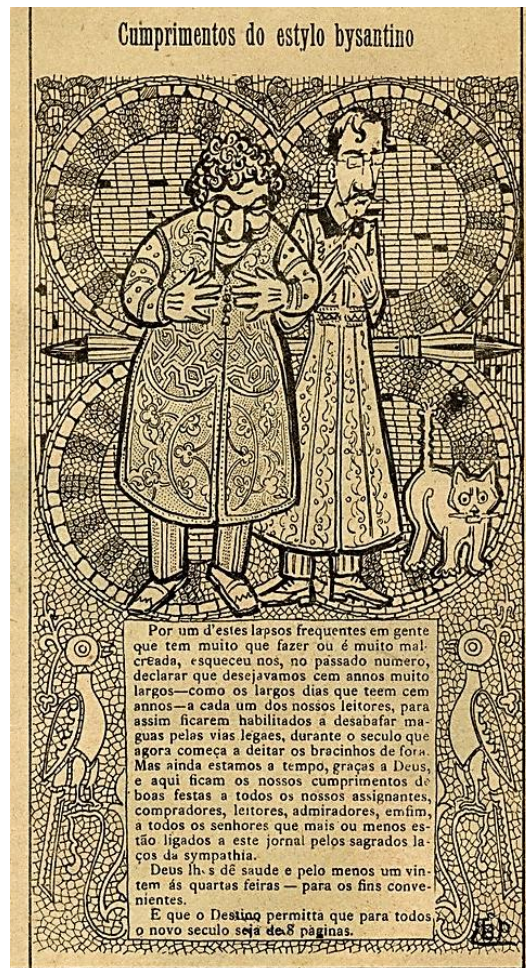


Fig. 31. Rafael Bordalo Pinheiro – « Cumprimentos do estylo byzantino » n' *A Parodia*, de 9 de Janeiro de 1901.

Provavelmente por alguém ter lamentado que não tivessem desejado aos leitores de forma veemente um bom ano e um bom século, Rafael desenhou, com mais ou menos vénia, estes inolvidáveis « Cumprimentos do estylo byzantino »<sup>43</sup>. Para ultrapassar e brincar com melindres, transformou-se a si, ao seu filho e ao gato Pires em figuras de mosaico características dessa tendência estética.

### Oriente em Caldas

As mãos de Rafael Bordalo Pinheiro também moldaram Orientes em pastas cerâmicas<sup>44</sup>. Em 1884, firmou-se a escritura da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha<sup>45</sup>, mas Rafael fez ensaios anteriores como se pode observar na *Placa de cerâmica com Rafael Bordalo Pinheiro trajando à japonês*, 1883<sup>46</sup>. A Casa do Depósito de Venda e Armazenamento da sua Fábrica também apresentava feição do Extremo Oriente. *Perfumador Árabe*, obra de 1896, peça de grande aparato e mestria de

<sup>43</sup> *A Parodia* 52, p. 10.

<sup>44</sup> Irisalva Moita, *A caricatura na obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro*, Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa, 1987.

<sup>45</sup> Rafael Calado, Isabel Fernandes, Elsa Rebelo, Cristina Ramos Horta, *A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*, Porto, Civilização Editora, 2008.

<sup>46</sup> Paulo Henriques, « Uma cerâmica nacional », in Ana Cristina Leite (dir.), *Guia do Museu Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005.

execução acolhe com exotismo outra latitude. Rafael fez nela autêntica filigrana e até a miniatura da Via Sacra que modelou para o Buçaco ali se encontra aninhada. Da mesma década, mas em tudo diverso, é o *Escarrador Gato Bizantino*, objecto que por razões óbvias a cultura material actual rejeita, o que lhe adensa a bizarria. O *Bule cabeça de Chinês*, do mesmo arco temporal da peça anterior, é uma peça divertida que ainda hoje é amplamente reproduzida fazendo sorrir quem a observa. O mesmo sucede com a *Chávena e pires* de 1897, em que a taça é uma avantajada cabeça de chinês que, alçando as vestes com as suas mãos, deixa ver os seus orientais sapatinhos que servem de base ao pires. Termino com um chá em Caldas servido por um *Bule cabeça de Chinês* menos conhecido do que aquele que continua a ser reproduzido.



Fig. 32. [Rafael Bordalo Pinheiro] – *Bule cabeça de chinês*, c. 1901. Faiança vidrada, alt. 22,5 cm. Col. part.

## BIBLIOGRAFIA

*O Antonio Maria*, 1ª série, Lisboa, Tip. Matos Moreira; Lit. Justino Guedes: Tip. Lallemand Frères, 1879-1885.

*O Antonio Maria*, 2ª série, Lisboa, Tip. Minerva; Lit. de Portugal, 1891-1898.

BRAGA Pedro Bebiano, CARVALHO Rita Nobre de, *Paródia culinária à mesa de Bordalo : livrinho de receitas, petiscos e pitéus*, Lisboa, Museu Bordalo Pinheiro, EGEAC, 2016.

CALADO, Rafael, FERNANDES, Isabel, REBELO, Elsa, HORTA, Cristina Ramos, *A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*, Porto, Civilização Editora, 2008.

COTRIM, João Paulo, *Rafael Bordalo Pinheiro : fotobiografia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

FRANÇA, José-Augusto, *Rafael Bordalo Pinheiro : o português tal e qual*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1982.

- FERRÃO, Julieta, *Rafael Bordalo Pinheiro e a crítica*, Coimbra, s.n., 1924.
- HORTA, Cristina Ramos (coord.), *Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920) : obra cerâmica e gráfica*, Caldas da Rainha, IPM/ Museu de Cerâmica, 2004.
- LEITE, Ana Cristina (dir.), *Guia Museu Bordalo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005.
- LOPES, Maria Virgílio, *Rafael Bordalo Pinheiro imagens e memórias de teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.
- MOITA, Irisalva, *A caricatura na obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro*, Caldas da Rainha, Museu de José Malhoa, 1987.
- , *Fontes Pereira de Melo as caricaturas de Bordallo Pinheiro*, Lisboa, Câmara Municipal, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, 1988.
- A Parodia*, Lisboa, Cândido Chaves, 1900-1902.
- Parodia : Comedia Portuguesa*, Lisboa, Cândido Chaves, 1903-1906.
- Pontos nos ii*, Lisboa, Lit. Guedes, 1885-1891.
- ROSA, Daniel, « A gueixa e o cavaleiro Sadayakko e Otojiro Kawakami : Os primeiros sinais de teatro japonês em Portugal », in *Sinais de cena 17*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2012.